



# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

## ICONOGRAFIA DA RESTAURAÇÃO NA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO.

SOARES, Ernesto

Ano: 1940 | Número: 50a

---

### Como citar este documento:

SOARES, Ernesto, Iconografia da Restauração na Sociedade Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*, Volume especial comemorativo dos Centenários da Fundação e da Restauração de Portugal, 1940, p. 227-236.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# ICONOGRAFIA : DA : RESTAU- RAÇÃO : NA : SOCIEDADE MARTINS : SARMENTO

POR ERNESTO SOARES

DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES



COLECÇÃO de estampas, hoje pertença da Sociedade Martins Sarmiento por legado do seu fundador, é, se não a primeira, uma das mais notáveis, como valioso subsídio para a história da nossa gravura artística sobre metal e, particularmente, um auxiliar precioso para a iconografia histórica portuguesa. Martins Sarmiento, absorvido nos seus estudos de pré-história, não deu o devido valor a essa rica colectânea, que mais tarde havia de legar ao seu País, quando, quasi forçado, adquiriu essas valiosas pastas que ocultavam tantas manifestações da arte nacional, reproduzindo gravuras em cobre, em aço, ou de desenho sobre pedra

litográfica. Ao contrário do que acontece no estrangeiro, a gravura artística portuguesa só de há poucos anos possui cultores conscientes e raros entusiastas; não admira, por isso, que Martins Sarmiento, vivendo numa época em que pouco ou nenhum caso se fazia da arte em Portugal, houvesse relegado para plano secundário esse conjunto de estampas, aparentemente sem nexo, hoje um dos mais justos motivos de orgulho do Museu da erudita Sociedade. Deve-lhe a arte portuguesa um preito de gratidão por ter evitado a dispersão ou a perda de tantos exemplares magníficos, muitos deles únicos nas nossas colecções.

Mas, se devemos a Sarmiento tão notável benefício, com mais inteira justiça se tornou credor da nossa admiração o malgrado autor do *Catálogo das Estampas*, hoje preciosa guia para todos os que se interessam por este mimoso ramo da arte.

O coronel Tibúrcio de Vasconcelos, a quem laços de boa amizade nos uniram, prestou um altíssimo serviço à Sociedade Martins Sarmiento, ao País e em geral à Arte, publicando esse trabalho, embora com a forma duma simples lista. Mais de uma vez

## REVISTA DE GUIMARÃES

diligenciámos, que, por exíguo, modificasse o seu plano, acrescentando informes circunstanciados, particularmente a respeito dos exemplares fidos como de grande raridade. Receávamos que a perda de qualquer dessas peças pudesse abrir uma lacuna irreparável para a arte portuguesa.

O melindroso estado de saúde do nosso amigo, que tantas vezes se traduzia em profundo desânimo, não permitiu a realização do nosso intento, conseguindo então levar-nos a Guimarães em sua companhia, onde num rápido exame, pudemos avaliar a preciosa colecção.

Ao perpassarmos hoje as páginas do *Catálogo*, novamente nos ocorrem os nomes dos dois beneméritos da Arte, um como doador generoso, o outro como testamenteiro diligente.

Pretende agora a douta Sociedade prestar o seu valioso concurso às festas dos Centenários, cuja comemoração no presente ano deve gravar em todos os corações portugueses a ideia das duas épocas basilares da nossa História: a Fundação da monarquia, e o regresso dum rei português ao trono de seus antepassados.

Ao resolvermos cooperar nessas justíssimas manifestações, veio-nos à memória a valiosa colecção das estampas e daí destacarmos aquelas que pudessem servir de documentação iconográfica à época restauracionista. São poucas, se as compararmos com a grande quantidade que conhecemos nas outras colecções, parte das quais deixámos já descritas em trabalho nosso (1), mas, assim mesmo, deliberámos aproveitar o existente, a fim de que reunidos todos os elementos dispersos se obtenha um conjunto, onde os estudiosos, que necessitam de recorrer à iconografia, possam encontrar pronta documentação.

É de notar que quasi tôdas as estampas, avulsas na colecção Martins Sarmiento, fizeram parte de obras publicadas nos séculos XVII ou XVIII, referentes à Restauração, circunstância que mais valoriza o seu merecimento histórico e bibliográfico, visto que muitas delas trazem, nos seus complicados atributos alegóricos, referências a factos conhecidos. Tanto quanto possível, indicaremos as obras donde foram desintegradas; com um ligeiro traço biográfico identificaremos o retratado e o artista que produziu o documento, e finalmente diremos do valor da estampa como manifestação de arte.

Não se estranhe a circunstância que deixámos apontada, de tôdas as estampas terem servido de ilustração de livro; foi assim a quasi totalidade da gravura portuguesa de seiscentos, pois os nossos antepassados apenas consideravam estas produções como documento ornamental ou como manifestação de fé e de piedade.

Possue a colecção sete retratos de D. João IV, indicados, pela ordem por que foram abertos, sob n.ºs 45, 1402, 1011, 1010, 1009, 1265 e 1202, do *Catálogo das Estampas* e pertencentes às seguintes obras:

N.º 45 — Aberto pelo artista português João Baptista, um dos abridores mais notáveis do século XVII. Serviu de modelo a este retrato o que em 1641 gravou

(1) *Dicionário de gravadores portugueses e dos estrangeiros que trabalharam para Portugal* — Tomo I, Séculos XVI e XVII, Lisboa 1937.



## ICONOGRAFIA DA RESTAURAÇÃO

Agostinho Soares Floriano, segundo desenho do célebre pintor de D. João IV, José de Avelar Rebêlo; trata-se do retrato mais fiel do monarca, tirado logo após a Restauração; esta estampa ilustra a obra *Aplausos Academicos da Universidade de Coimbra a ElRey D. João III. Anno 1641.*

A gravura de João Baptista, muito inferior em valor artístico à do seu colega Floriano, serve também de portada à obra; *Restauração de Portugal... pelo... D. Gregório de Almeida Ulyssiponense. Em Lisboa por Antonio Alvarez. Anno 1643* (1).

De muito maior merecimento artístico, mas desviando-se mais do delineamento primitivo, é o retrato que se reproduz do monarca, aberto em Paris por Michel Lásne, protegido de Luís XIII, morador no próprio Louvre, onde morreu, e que serve de portada à obra, em resposta à de D. Juan Lobkowitz, do pseudo-capitão Manuel Fernandes Villa-Real no *Anticaramuel o defença del manifiesto del Reyno de Portugal a la respuesta que escrivio... En Paris, en la Oficina de Miguel Blageart. M.DC.XLIII.*

No ano seguinte abriu o mesmo artista, mas de desenho mais aproximado do de José de Avelar Rebêlo, um formoso pórtico alegórico (1010) para ilustração da *Justa Acclamação do Serenissimo Rei de Portugal D. João o IV... composto pelo Doutor Francisco Velasco de Gouuea... Em Lisboa Na Oficina de Lourenço de Anvers. Anno 1644.*

A n.º 1011 é uma das catorze estampas que adornam a rara e linda obra do jurisconsulto António de Sousa de Macedo, intitulada *Lusitania Liberata ab iniusto Castellanosum Dominio restituta legitimo principi Serenissimo Joanni IV Lusitaniae, Algarbiorvm, Africa... demonstrata per... Londini. In Officina Richardi Heron. Ann. Dom. 1645.*

Obra e autor foram elementos preciosos na consecução do reconhecimento de rei de Portugal ao duque de Bragança. O aparecimento da obra, impressa e escrita em Londres, havia sido provocado pela hostilidade britânica para com a dinastia nascente, hostilidade que as intrigas e pressões de Castela fomentavam no Gabinete de Londres. Conseguiu Sousa de Macedo modificar com a sua profunda cultura jurídica e um elevado espirito patriótico, os sentimentos hostis da nossa pretensa aliada, tor-

(1) Esta obra, saída em 1643 e 1753, está agora a ser reimpressa em Barcelos, mas presidiu à nova edição o mais lamentável critério. Mesmõ com intuitos de difusão popular, não se pode sofrer que para um livro de puro misticismo sebastianista do século XVII se adopte uma grafia moderna, só tolerável em obras actuais. E já que de popular se taxa a obra, deviam tê-la precedido dum estudo que permitisse ao povo moderno avaliar o intuito patriótico que animou o seu autor, o jesuíta P.º João de Vasconcelos, ao descrever com uma compostura tão intemerata, factos de natureza quasi sobrenatural, religiosamente acreditados pelas almas simples do povo antigo. Só aos estudiosos é dado ler, sem prévia advertência, este famoso livro de tradições divinatorias e, se é para elles que se promoveu a sua reimpressão, devia então ter-se feito uma edição rigorosamente diplomática, guardando-se também o aspecto gráfico primitivo, com o que se não encareceria a Obra. As reproduções do retrato que ilustra a edição de 1643 e a do frontispício respectivo eram indispensáveis em qualquer dos casos; deu-se à obra um rosto inestético e miserável, só admissível em romances de baixo preço.

nando-se, ao mesmo tempo, credor da mais desvelada amizade de Carlos I; por isso, esta obra é considerada como um dos mais valiosos trabalhos para o bom sucesso da causa da Restauração. Nela perpassam, aureolados de glórias, os reis portugueses; a origem, quasi divina, da monarquia, demonstra-a o autor na intervenção divina em Ourique; as vitórias de D. João I, os descobrimentos e conquistas de D. Manuel I e as próprias façanhas do reinado brigantino foram os argumentos de que o jurisculto lançou mão para mostrar ao mundo e, sobretudo, à fria Albion, de envolta com uma indiscutível legalidade genealógica, representada em complicada árvore de costado, os indiscutíveis direitos do duque D. João ao trono dos seus antepassados portugueses.

As restantes estampas que ornamentam a *Lusitania*, são dois outros retratos do rei, um revestido de manto e coroa e sentado no trono, e o outro a cavalo, em atitude marcial, deante do cerco de Badajoz, o de D. João I, do Infante D. Henrique e de D. Manuel, a aparição de Cristo a D. Afonso I, dois dragões e a Fênix representando o renascimento da Pátria. É nesta estampa que se lê o nome do artista que abriu todas as outras, *John Droeshout*, flamengo.

O exemplar 1009 pertence aos *Dialogos de Varia Historia* de Pedro Mariz, impressos em Lisboa em 1672. Desconhecemos o artista que abriu a chapa, mas cremo-lo muito outro do que assina a linda portada da obra. *Pedro Perret* que tantas estampas executou para Portugal tem outra maneira e uma suavidade no manejo do buril, que não apresenta a gravura referida.

Em 1680 publicava-se em Lisboa, na Imprensa de António Crasbeeck de Mello, em nome de D. Antonio Ardiczone Spinola, *napolitano por nascimento e portuguez naturalizado por amor*, uma série de sermões distribuídos em três livros; um sobre assuntos da Aclamação, o segundo acerca da comunhão restaurada na Índia e o terceiro aos felizes anos del-rei. Com esta colectânea, aumentada por numerosos e difusos índices publicou-se uma volumosa e insulsa obra com mais de 800 páginas e o peregrino título de *Cordel triplicado de amor a Christo Jesus Sacramentado, ao Encuberto de Portugal nacldo, a seu Reyno Restaurado, lançado em tres livros de sermões... Lisboa 1680*.

A obra foi, no dizer de Inocencio, proibida por Edital da Mesa Censória de 1775 por ser livro pernicioso, onde se contém escândalos, erros e proposições intoleráveis. Desconhecemos o texto da ordem régia, mas não podemos deixar de aprovar a resolução censorial, tais são as necedades, desconchavos e barbaridades de que estão eivados esses centos de páginas. O que se não explica satisfatoriamente é como só passados noventa e cinco anos e quando a obra começava a rarear, se viram todos esses defeitos. Teria o misticismo sebastianista que ressumbra desses sermões algum antagonismo com a ideia da estátua equestre inaugurada neste ano?

Ilustrando os três livros existem os retratos de D. Pedro II, de D. João IV, de joelhos, o do autor e ainda um do restaurador, quando menino.

A colecção Martins Sarmiento possui o segundo destes retratos (N.º 1265), que vai reproduzido, e onde se lê uma pomposa e profética legenda. Foi abridor



## ICONOGRAFIA DA RESTAURAÇÃO

desta chapa um artista inglês que não se recomenda pelo seu trabalho de burilista, Tomás Dudley, que usou nesta estampa apenas as iniciais T. D. F.

É muito mais vasta a iconografia joanina. Este monarca criou à sua volta, não por actos de bravura ou por espírito altamente guerreiro, mas por uma natural prudência e senso prático extraordinário, amizades que vieram a transformar-se em verdadeiro culto. Patentela-se esta veneração em encomiásticas referências que, a cada passo, se encontram na vastíssima bibliografia referente ao período da Restauração e, particularmente, à sua pessoa, ou nas apoteóticas e quasi divinatórias legendas das estampas que ilustram essas obras.

Dos que se lhe seguiram, só obtiveram iguais favores da Fama os seus homónimos V e VI na ordem cronológica, e que possuem a mais vasta e popular iconografia real portuguesa, representada em retratos ou estampas alegóricas avulsas ou de ilustração de livros.

Curiosa é a auréola de messianismo que nimba a figura do monarca; ao seu derredor tudo são profecias e augúrios, bem significativos da veneração do povo português pelo seu rei a quem considera como defensor natural ou, como ele próprio se apelidava, *procurador dos descaminhos do reino*.

Embora não pertença já ao século XVII, é todavia de merecimento o retrato aberto pelo operoso gravador que aqui esteve no reinado de D. João V, Guilherme Francisco Lourenço Debrie que trabalhou na Academia Real da História Portuguesa e deixou a mais vasta obra gravada de motivos ou assuntos portugueses. Serve êle de ilustração à curiosa obra conhecida entre os bibliófilos pelos *cinco reis Joões*, do Padre Manuel Monteiro: *Ioannes Portugalliae Reges ad vivum expressi calamo à P. Emmanuelle Monteyro Lusitano .... Regiæ Academicæ Socio Cælo à Guil.º Frc.º Laur.º Debrie, Parisino, Regio & Academia Sculptore, Inventore, Delineator, Calographo. Ulyssipone: Typis Franc. da Sylva, eiusdem Regiæ Academicæ ac Sæntus Librarij. Anno CIOICXLII* e à sua tradução em português com o título de *Elogios dos Reis de Portugal do nome de João..... 1749*.

Uma e outra edições, além de recheadas de vinhetas, cabeções e letras iniciais ornamentadas e de um elegante pórtico, possuem cinco estampas reproduzindo, em página inteira, os retratos dos reis que tiveram o nome de João. Este que vai no volume é um dos referidos.

Embora, cronologicamente, estejam distanciados deste período, a sua qualidade de membros chegados da família leva-nos a fazer referência à série dos retratos dos cinco primeiros duques de Bragança, indicada sob n.ºs 1308, 1309, 1346, 1375 e 1376. São cinco estampas a buril, tôdas de valor artístico que enriquecem qualquer colecção onde se encontrem. Não fazem os coleccionadores alusão a uma sexta estampa que entendemos deve ocupar o primeiro lugar da série, porquanto se trata do retrato de D. José, por ordem de quem foram abertas as chapas. Possui a S. M. S. esta estampa, indicada sob n.º 1345.

Diz Barbosa Machado que estes retratos se destinavam a ilustração das *Vidas dos cinco primeiros duques de Bragança D. Afonso, D. Fernando I, D. Fernando II,*

*D. Jaime e D. Theodosio I, obra que devia formar dois tomos, dos quais se achava já impresso o primeiro e parte do segundo, por ordem de D. José, mas que o terremoto de 1755 consumira tudo. Escapou a galeria dos retratos, certamente por se não encontrar em Lisboa no primeiro de Novembro.*

As chapas foram abertas em França por artistas desta nação, segundo delineamento de Carlos António Leonil, que aqui esteve nesse século e a quem se devem, entre outros, os retratos de Fr. Miguel de Contreiras, Fr. António dos Reis, Fr. Domingos Pereira, Pedro Troiano, etc. Os abridores, todos conhecidos como mestres burilistas, assinam Michel Aubert, Robert Gaillard e Louis Petit.

Ao perpassar essas centenas de estampas que formam a colecção, saltam-nos à vista muitas outras figuras que tiveram extraordinário relêvo nesta época, quer se distinguíssem pelos seus feitos guerreiros, quer pela sua acção nas letras, na política ou na diplomacia.

É dessas que vamos deixar algumas notas históricas e artísticas.

N.º 1306. É o retrato de Luiz Álvares de Távora, que foi primeiro marquês deste título e general nas campanhas da Restauração. Sobre a sua prosápia e feitos guerreiros escreveu D. Luís de Meneses um *Compendio Panegyrico da Vida e acções do Ex.º Snr... em Lisboa por António Rodrigues de Abreu 1674*, obra a que anda junta a *Oração funebre que pregou... D. Frey Luiz da Sylva*.

É interessante o frontispício que adorna a obra com os seus ciprestes a substituir as tradicionais colunas geminadas dos pórticos seiscentistas, emoldurando a urna que contém os restos do fidalgo. O retrato, embora de fraco merecimento, tem o interesse de ser assinado por *And. Leit.* que durante muito tempo os iconólogos julgaram ser o nome de um artista holandês aqui residente. Mais feliz, conseguimos identificar o gravador (¹) que se chamava André Leitão de Faria e era o pai do célebre e quasi misterioso Cavaleiro de Faria (²), outro Leitão de Faria de nome António.

D. Luís de Távora tornou-se notável especialmente como Governador das Armas da Província do Minho, em cujo tempo, devido à sua decisão e bravura, se conquistaram cerca de 150 vilas e aldeias do norte de Espanha com um pequeno exército de 6.000 homens. Mais tarde vamos encontrá-lo no Alentejo a bater-se valentemente contra os espanhóis na batalha de Montes Ciaros.

O N.º 1195 apresenta um dos retratos que a colecção possui, de D. Fernando de Meneses, 2.º Conde da Ericelra, autor da *Historiarum Lusitanorum ab anno M.DCXL ab M.DC.LVII. Libri decem. Ulyssipone... 1734*, aberto por Debrie, a quem já anteriormente nos referimos. O P.º António dos Reis deixou-nos também um interessante retrato do autor, publicado no principio da obra.

*Ferdinandus statura mediocri, corpore tamen intra ipsam mediocritatem pulchro, ac concinne formato; nec obeso, nec gracili; agilique potius quam robusto; vultu non*

(¹) Veja nosso *Dicionário* citado — Tómo I, pág. 105.

(²) Esta identificação conseguiu-a provar o Sr. Álvaro Neves numa interessante conferência realizada em Janeiro último na biblioteca do Museu João de Deus.



## ICONOGRAFIA DA RESTAURAÇÃO

*iniucundo quidem, sed ad severitate composito. Capillis subflavis, exporrecta fronte, facieque liberali, aquilino naso; oculis caesiis, ac in ipsa inventute cœcutientibus; supercillis raris, parumque prominentibus...*

O outro retrato (274) pertence à *Historia de Tangere que comprehende as noticias desde sua primeira conquista até á sua ruina. Lisboa Occidental... M.DCC.XXXIII* e foi aberto por um gravador português de muito reduzido merecimento artístico, *Bernardo Frz. Gayo delineav. et esculp.* Todavia é de valor iconográfico e especialmente bibliográfico este retrato que, tendo sido aberto propositadamente para esta obra, como o indica a inscrição latina, raramente aparece em exemplares dela:

*Ductorem Lybicæ posuit me Lysia Tingi.  
Victor ubi clarum nomen ab hoste tuli  
Ut referat calamo, peperit quos ensis, honores,  
Hanc Fingis veram condimus hystoriam.  
Sic mihi par fiet, fiet quoque vera Legenti;  
Conscia nam dextræ dextera cudit Opus.*

O segundo Conde da Ericeira também se distinguiu pelo seu valor militar, por ser à sua ordem e direcção que se construíram os fortes do Outão, de Aveiro, de Peniche e de haver tido não pequena parte nas vitórias de Valverde, Barcarrota e Montijo.

O N.º 1465 mostra o formoso exemplar do retrato do primeiro Conde de Vila Flor, D. Sancho Manuel. A atitude marcial que nêle se apresenta condiz perfeitamente com a sua acção de chefe do exército português nas difíceis conjunturas do cerco de Elvas por D. Luís de Haro, e na batalha do Ameixial em que Vila Flor e Schomberg se cobriram de glória, salvando Portugal de nova invasão.

A estampa, justamente apreciada pelos coleccionadores, pois se trata dum documento histórico e artístico de alto valor, ilustra uma rara obra impressa em Amsterdão em casa de Jacob van Velsen. Anno de 1673 e intitulada:

*Applausos Academicos e relação do felice successo da celebre victoria do Ameixial, offerecidos ao Excelentissimo Senhor Dom Sancho Manuel, conde de Villa Flor pelo Secretario da Academia dos Generosos e academico ambicioso.*

O seu autor, a quem melhor chamaríamos compilador, é um dos fundadores da Academia dos Generosos, D. António Álvares da Cunha e conseguiu organizar um verdadeiro certame poético para comemorar as gloriosas façanhas de Vila Flor; por isso a obra tem, além do seu valor histórico, o merecimento de ser um repositório de poesias da época, evadas embora do mais escabroso gongorismo. Camilo apoderou-se do livro para em duas dúzias de páginas, nas *Cousas leves e pesadas*, verberar com o seu inimitável humorismo os exaéros formais da curiosa colectânea.

O retrato encontra-se logo a seguir ao frontispício, no verso do qual se lê um soneto da autoria de D. Miguel de Barrios escrito em castelhano, língua que, segundo julgamos, devia soar com bem pouca melodia aos ouvidos portugueses de



## REVISTA DE GUIMARÃES

Sancho Manuel. Não é caso único na obra o uso da língua espanhola para exaltar o valor militar português; ao compulsarmos as 642 páginas que formam o volume ficamos assombrados por vermos que um terço dos elogios são escritos nessa língua.

O retrato, em atitude bélica, inspirou Miguel de Barrios que compôs o soneto:

En lamina de bronze figurado  
tan á la vivo estás (Sancho Invencible)  
que á non faltar al arte lo sensible  
natural pareciera lo pintado.

Sobre guerrero bruto Cid armado  
tanto en tu effigie exerces lo terrible;  
que al enemigo fuera el verte horrible;  
como otra vez lo fué tu aspecto ayrado.

Hages de modo que el valor te incumbre;  
que con tu sombra al que te incita assombra,  
y al que te espera abrasa con tu lumbre.

Aun Marte con el lauro que te nombra  
por receber el rayo de la cumbre  
al sagrado se acoge de tu sombra.

Possue a obra outras estampas, uma das quais é a 1480 que merece especial referência pela sua raridade. Trata-se de uma gravura alegórica que não foi aberta para esta obra, mas para o rarissimo opúsculo da autoria de Miguel de Barrios intitulado IMPERIO DE DIOS. O pequenino retrato de D. Sancho Manuel que se vê, em meio corpo, aberto numa oval, substituiu o título daquela obra. Pequenas modificações se notam também nas figuras alegóricas dos anjos da Sabiduria, de Lisia e de Semana.

O frontispício forma um pórtico de duas colunas entre as quais se vê o escudo dos Manuéis com os atributos heráldicos do leão e da asa de ouro terminando numa mão que sustenta uma espada.

Ainda outras estampas ilustram os *Aplausos*, a que não fazemos referência especial por não ter aqui oportunidade.

O artista ou artistas que abriram estas chapas ocultam-se sob siglas desconhecidas ou com o anonimato; todavia, o que abriu a chapa com o retrato equestre do Conde, julgo não ser o mesmo que abriu qualquer das outras, visto que a técnica usada nela é diferente.

À estampa n.º 1325 reproduz o retrato, aberto por *Frédéric Boultats*, de D. Luis de Meneses, o celebrado autor do *Portugal Restaurado*. Trata-se do 3.º conde da Ericeira que alia à sua qualidade de escritor a de valoroso soldado das lutas da

## ICONOGRAFIA DA RESTAURAÇÃO

Restauração; militou desde 1650 nas campanhas do Alentejo, cobrindo-se de glória nas batalhas de S. Miguel, das linhas de Elvas, do Ameixial e de Montes Claros. Já depois da morte de D. João IV, vemo-lo governador das armas da Província de Trás-os-Montes, deputado da Junta dos Três-Estados e Vedor da Fazenda. Pode aplicar-se-lhe o verso do poeta

*«Nhũa mão sempre a espada e noutra a pena*

pois ao mesmo tempo que desempenhava tão espinhosas missões, ia carreando os materiais para a obra que devia perpetuar-lhe a memória, mais do que as suas façanhas militares, e levantar um dos maiores monumentos à Restauração da Coroa portuguesa — a *Historia do Portugal Restaurado*.

O retrato pertence aos dois volumes da edição *princeps* desta obra, saídos das oficinas de João Galvão e de Miguel Deslandes, em 1679 e em 1698, e é um valioso documento iconográfico para a história deste período. O artista que abriu a chapa do retrato é um dos vinte e quatro filhos de outro abridor do mesmo nome, que todos exerceram a profissão do pai.

De fraca execução é a estampa 269, onde se vê o retrato do 1.º conde das Galveias. O artista *M. Freyre* possui uma técnica muito rudimentar e as suas figuras são sempre inexpressivas e mortas. Aqui figura-se o retratado em meio corpo, voltado de três quartos para a direita, longos cabelos caídos pelos ombros, vestindo o hábito da Ordem de Cristo sobre a armadura. A estampa ilustra a primeira edição da *Historia panegyrica da Vida de Diniz de Mello, primeiro Conde das Galvêas... escrita por Julio de Mello de Castro seu sobrinho... Lisboa. Na officina de Joseph Manescal 1721*.

Nesta extensa biografia colhem-se interessantes notícias sobre a acção do Conde durante as campanhas da Restauração e, a seguir, da Sucessão, e não pequenos ensinamentos para quem goste de bons bocados de sã prosa portuguesa. O seu estilo, talvez um pouco empolado e impróprio deste género de trabalhos, não deixa de ter suas belezas e requintadas elegâncias de um artista da prosa.

A acção de D. Dinis de Melo e Castro, como soldado português, é tão notável que, ao falar-se duma vitória das lutas da Restauração, aparece logo o seu nome ocupando um lugar de relêvo. É assim que o vemos ferido em vinte e dois recontros, havendo-se batido mais de cem vezes contra os exércitos de Castela. Já octogenário, ainda o vamos encontrar na expugnação de Valência de Alcântara e de Albuquerque, na Estremadura espanhola. Movido de alta admiração pela queda da última destas povoações, diz o seu biógrafo que «estava a Praça destinada para glorioso termo das heróicas acçoens de Diniz de Mello... o que não conseguirão tantos generais em vinte e oito anos de guerras, alcançou o seu braço em quatro dias de expugnação, parece que em veneração do seu valor até quis a sorte oferecer-lhe a victoria sem a fadiga das esperanças...»

Outra das figuras de maior evidência deste período é a do Padre António Vieira, cujo retrato em corpo inteiro, gravado por *Carolus Grandi*, ilustra a biografia que dele nos deixou o seu irmão em religião, o P.<sup>e</sup> André de Barros.

## REVISTA DE GUIMARÃES

Vieira, do alto da tribuna sagrada, foi um dos mais fortes esteios da incipiente dinastia joanina; soube castigar com mordacidade, em muitos dos seus inimitáveis sermões, o desânimo, e por vezes até a traição que iam caminhando a par com as contrariedades inerentes a uma prolongada e duvidosa campanha. As suas orações sagradas, onde ressalta uma linguagem tersa e elegante, verberam a adulação, o peculato e a venalidade que se iam aninhando entre mitras e brasões. Quasi não compreendemos hoje como se podia falar com o desassombro com que Vieira falava, em 1651, no sermão sobre o amor dos inimigos, pregado na presença do Rei, do alto clero e da nobreza comparando os áulicos interesseiros e acomodaticios à aranha que «lança suas linhas, arma seus teares e toda a fábrica se vem a rematar em uma rede para pescar e comer». No mesmo sermão são os aduladores comparados ao camaleão que se faz de todas as cores. Em 1662 é a venalidade zurzida com essa admirável descrição do papel, a pior coisa que há no mundo e onde o orador preconiza sobre o papel selado: «se os ministros pagaram o selo, eu vos prometo que havia de correr menos o papel e que haviam de voar mais os negócios».

Como apóstolo do bem, é notável a sua atitude ao defender o índio do Brasil contra a escravatura, ou o cristão novo contra as perseguições e prepotências inquisitoriais.

O monarca, vendo no famoso jesuíta, a quem estimava como irmão, um dos mais sólidos esteios da sua política, julgou poder servir-se dele como seu embaixador especial às cortes da Holanda e da França para tratar de assuntos que considerava vitais à Nação: a entrega de Pernambuco e mais tarde o casamento do príncipe Teodósio com a menina de Montpensier.

Vieira, melhor pregador que diplomata, apresentou-se munido apenas do seu patriotismo e da justiça que lhe assistia, não podendo ver a protéria dos holandeses e a solécia de Mazarino, e daí o malogro das negociações.

A iconografia do ilustre jesuíta é vasta e quasi toda ela baseada no retrato original que Barbosa Machado diz haver sido aberto em Bruxelas e do qual são cópias as estampas de Veneza, Barcelona, Madrid e Roma.

A estampa 1302 mostra a figura alada da Fama, delicada, mas máscula, representada por um anjo envolvido em elegante túnica de bem lançados panejamentos, evolvendo-se da Terra, cujo globo mal toca com um dos pés, e que vem foto-zincografada na inicial deste artigo. No laconismo das palavras que se lêem no galhardete pendente da sua trombeta, sintetiza-se o sentir dos portugueses da Restauração:

*Ecco politico risponde en Portugal a la Voz de Castilla*

D. Francisco Manuel de Melo, inspirando ao seu amigo, o artista holandês Vorstermann, a ideia patriótica que pretendia traduzir, conseguiu lançar este grito de desafio e de triunfo, que iria ecoar em toda a Europa, mostrando o procedimento infame de uma diplomacia que pretendia a todo o momento emaranhar-nos nas apertadas malhas duma política parcial e refalsada.

Por isso nesta figura de anjo está representado o Génio da Pátria oito vezes secular, mas sempre jovem, bela e altiva.